



**Artigo original**

## CONCORDÂNCIA VERBAL NA INVERSÃO LOCATIVA NA LÍNGUA RONGA

*Ernesto Dimande*

Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Moçambique

**Resumo:** Este artigo discute a concordância verbal nas construções de inversão locativa na língua ronga, uma língua bantu falada na zona sul de Moçambique, concretamente na Cidade e Província de Maputo. Com a análise desta temática pretende-se, à luz da Linguística Descritiva Comparada e, em termos gerais, analisar os aspectos morfosintáticos da locativização morfológica nesta língua. Especificamente, visa identificar as marcas de concordância verbal usadas na inversão locativa, em sujeitos gramaticais simples e complexo. De uma forma sucinta, os dados recolhidos através de um questionário estruturado sugerem que na inversão locativa, independentemente da classe nominal do locativo e da natureza estrutural do sujeito, a marca de concordância verbal é *ku-* (cl.17).

**Palavras-chave:** Inversão locativa, locativo, Xirhonga.

### *Verbal agreement in locative inversion in ronga language*

**Abstract:** This article discus the verbal agreement in locative inversion constructions in Ronga, a Bantu Language spoken in the southern of Mozambique, concretely in the City and Province of Maputo. With the analysis of this theme it is intended, in the light of Comparative Descriptive Linguistics and, in general terms, to analyze the morpho-syntactic aspects of the morphological locativization in this language. Specifically, it aims to identify the verbal agreement marks used in locative inversion, in simple and complex grammatical subjects. Briefly, the data collected through a structured questionnaire suggest that in locative inversion, independently of the nominal locative class and the structural nature of the subject, the verbal agreement mark is *ku-* (cl.17).

**Key-words:** Locative inversion, locative, Xirhonga.

Correspondência para: (correspondence to:) dimande40@gmail.com

### **Introdução**

Um dos temas recorrentes no estudo da morfologia das línguas bantu (LB)<sup>i</sup>, é a locativização. Ao nível das LB faladas em Moçambique, este tema é objecto de estudo por parte de vários linguistas, entre os quais, Siteo (2001), Langa (2002), Alfândega (2009), Ngunga & Simbine (2012), Ngunga (2014), Chivambo (2015) e Guérois (2015 e 2016). Nestes trabalhos, para além da explicitação das estratégias de locativização adoptadas pelos falantes, os estudiosos identificam as partículas locativas usadas na locativização morfológica e formalizam os processos fonológicos decorrentes da

agregação dos morfemas locativos a diferentes unidades lexicais.

Alargando a análise da locativização a outras áreas, Buell (2007), Amidu (2007), Marten (2010 e 2012), Guérois (2015 e 2016), Ngoboka (2016 e 2017) e Zeller & Ngoboka (2018), discutem a morfossintaxe das construções de inversão locativa (IL), na perspectiva de determinar o estatuto gramatical de algumas partículas locativas e mapear as marcas de concordância que são seleccionadas, sobretudo nos contextos de sujeito simples.

Sobre a documentação da locativização morfológica nas LB, entende-se que

embora ainda existam algumas penumbras por esclarecer, como por exemplo, a explicitação do estatuto gramatical das partículas locativas, sobretudo nas línguas em que, devido a vários factores, os tradicionais prefixos locativos *pa-*, *ku-*, e *mu-* (classes 16, 17 e 18) não são produtivos e a identificação das restrições que os mesmos registam em diversas línguas, acredita-se que o trabalho até então desenvolvido é importante, na medida em que, por um lado, permite a consolidação da tese da relação genética entre as LB e, por outro lado, mostra que em relação ao parâmetro de CV nas construções de IL, as LB comportam-se de forma diferente, uma vez que, enquanto em algumas delas, a marca de CV é seleccionada com base na classe nominal (CN) do locativo núcleo do sujeito simples, em outras, este factor é marginal, visto que, independentemente da CN deste, a marca é *ku-* (cl.17) (ZELLER & NGOBOKA, 2018).

Considerando que ao nível da língua ronga, a locativização morfológica realiza-se através das partículas locativas *-ini*, *ka-* e *ka*, questiona-se: (i) que marcas de CV são seleccionadas nas construções de IL, nos contextos de sujeitos simples e complexo? Que marcas de CV são usadas nas construções em que os núcleos de sujeitos simples e complexos são os poucos vestígios das classes locativas 16, 17 e 18?

O presente artigo, guiando-se pelas perguntas acima apresentadas, discute a CV nas construções de IL na língua ronga, com o objectivo de, em termos gerais, analisar os aspectos morfosintácticos da locativização morfológica nesta língua e, especificamente, identificar as marcas de CV que são seleccionadas, nos contextos de sujeitos simples e complexo. Esta discussão é feita numa perspectiva comparativista, de modo a mostrar a variação linguística entre a língua em estudo e outras LB.

Os dados que sustentam a pesquisa foram obtidos através de um questionário estruturado, administrado a 13 informantes nativos de *Xinondrwana*, a variante

dialectal de referência, que segundo Ngunga & Faquir (2011), é falada na Província de Maputo, concretamente nos distritos de Marracuene, Maputo, Matola e Boane.

Em termos de arcabouço teórico, a análise da temática acima apresentada está ancorada na Linguística Descritiva Comparada. Enquanto a Linguística Descritiva dedica-se ao estudo da língua em seu uso concreto, ou seja, como ela é efectivamente falada e escrita, tendo em conta a sua variação diatópica (geográfica) e diatrástica (social), a Linguística Comparativista, segundo Pereira (2018), partindo do pressuposto de que a língua é um organismo vivo, ou seja, não estático, defende que ela é sujeita a mudanças, ao longo do tempo. O comparativismo entre duas ou mais línguas é importante na medida em que, “possibilita apontar as semelhanças e divergências entre as línguas nos seus variados níveis, desde o fónico até o lexical, enfim os estudos gramaticais” (PEREIRA 2018, p. 239).

Com esta análise, pretende-se, através de uma abordagem sincronicamente descritivista, encontrar as respostas das inquietações acima formuladas, de modo a identificar as estratégias de locativização e de CV usadas pelos falantes da língua ronga, nas construções de IL.

Para o alcance dos objectivos desta pesquisa, o artigo estrutura-se em cinco secções. Esta introdução constitui a primeira secção, onde se faz a contextualização, destacando os objectivos, o quadro teórico e os procedimentos metodológicos adoptados durante a pesquisa. A segunda secção é dedicada à descrição da língua em estudo e depois desta, segue-se o estado de arte na terceira secção, onde se discute os conceitos conexos à locativização e à IL nas LB, de que a língua ronga faz parte. A quarta secção é dedicada à IL na língua em estudo e nela analisa-se a CV de sujeitos simples e complexo. Por último, a quinta secção, que é dedicada às considerações finais.

## Elementos da língua ronga

### Variantes dialectais da língua ronga

A língua ronga, na classificação de Guthrie (1967-71), é uma LB do grupo *Tswa-Ronga* (S.50), onde tem o código (S.54). Ou seja, é a língua número 4 deste grupo, que inclui também *Tshwa* (S.51), *Gwamba* (S.52), *Changana* (S.53) e *Hlengwe* (S.55), mutuamente inteligíveis.

Em termos geográficos, a língua ronga é falada numa área linguisticamente heterogênea, que compreende a Província de Maputo (distritos de Manhica, Marracuene, Matola, Boane, Namaacha, Matutuine e Moamba) e Cidade de Maputo (distritos municipais de *KaMpfumo*, *Nlhamankulu*, *KaMaxakeni*, *KaMavota*, *KaMubukwana*, *KaTembe* e *KaNyaka*), por 239 307 pessoas. Entretanto, Siteo & Ngunga (2000) e Ngunga & Faquir (2012) acrescentam que para além destas regiões, esta língua é também falada nas províncias de Gaza e Inhambane, por 3 651 e 2 871 pessoas, respectivamente. Deste modo,

somando os dados de todos locais, conclui-se que esta língua é falada por 265 829 pessoas.

No que concerne à variação dialectal, Siteo, Mahumane & Langa (2008) consideram que a língua ronga possui 4 variantes, a saber: *Xikálángá* (*Xilwándlé* ou *Xintimáná*), falada no distrito da Manhica; *Xinondrwana*, falada em Maracuene, Maputo, Matola e Boane; *Xizingili* (*Xiputru*), falada na região que se estende de Ponta do Ouro à Catembe, incluindo a Ilha de Inhaca; e *Xihlanganu*, falada em Moamba (Moamba-Sede) e Namaacha.

### Organização de nomes

Como sucede em todas LB, os nomes da língua ronga organizam-se em CNs<sup>ii</sup>, tendo em conta a sua orientação semântica e o padrão de concordância. Estes factores aplicam-se também aos empréstimos, que depois de passarem pelo processo de acomodação lexical, também são integrados nas CNs existentes nesta língua, conforme a Tabela 1:

TABELA 1 - Classes nominais da língua ronga

CNs	Prefixos	Exemplos	Glossas
1	<i>mu-</i>	<i>mu-fúyí</i>	‘criador’
2	<i>va-</i>	<i>va-fúyí</i>	‘criadores’
3	<i>mu-</i>	<i>mu-nyikélo</i>	‘ofertório’
4	<i>mi-</i>	<i>mi-nyikélo</i>	‘ofertórios’
5	<i>li-</i>	<i>øgelegele</i>	‘prostituta’
6	<i>ma-</i>	<i>ma-gelegele</i>	‘prostitutas’
7	<i>xi-</i>	<i>xi-gogo</i>	‘rico’
8	<i>svi-</i>	<i>svi-gogo</i>	‘ricos’
9	<i>yiN-</i>	<i>ndota</i>	‘conselheiro’
10	<i>tiN-</i>	<i>ti-ndota</i>	‘conselheiros’
11	<i>li-</i>	<i>li-xixa</i>	‘aborto’ <sup>iii</sup>
14	<i>wu-</i>	<i>wu-gelezi</i>	‘prostituição’
15	<i>ku-</i>	<i>ku-geleza</i>	‘prostituir-se’

Conforme mostra o Quadro 1, a língua ronga possui 13 CNs. De 1 a 10 as classes organizam-se aos pares, sendo que as classes 2, 4, 6, 8 e 10 constituem o plural das classes 1, 3, 5, 7 e 9. Note-se que o prefixo da classe 10 também é usado na pluralização dos nomes da classe 11. As

classes diminutivas 12 e 13 não ocorrem, visto que a diminutivização morfológica realiza-se através dos morfemas decontínuos *xi-/svi-* e *-ana*, resultando na integração dos diminutivos nas classes 7 e 8. Igualmente, as classes locativas (16, 17 e

18) também não são produtivas, conforme mostrar-se-á na secção que se segue.

Em termos semânticos, constata-se que as classes 1 e 2 (*mu-* e *va-*) albergam sobretudo seres humanos; classes 3 e 4 (*mu-* e *mi-*), designações de plantas, frutos, animais, utensílios, e fenómenos naturais; classes 5 e 6 (*li-* e *ma-*), nomes de seres humanos, animais irracionais, partes de seres humanos e animais irracionais, frutos, medidas de tempo, derivados verbais exprimindo modo ou maneira, objectos, doenças e meios de transporte; classes 7 e 8 (*xi-* e *svi*) nomes de partes do corpo humano, equipamentos, instrumentos e utensílios, animais, doenças, coisas, objectos, línguas e culturas, seres humanos e diminutivos; classes 9 e 10 (*(yi)N-* e *ti(N)*) nomes de animais irracionais, seres humanos, partes do corpo de animais, equipamentos e instrumentos domésticos; classe 11 (*li-*), coisas longas; classe 14 (*wu-*) noções abstractas resultantes de outros nomes, líquidos ou substâncias diversas, colectividades, etc, e por último, classe 15 (*ku*), que reúne essencialmente verbos, no infinitivo.

A distribuição de nomes em CNs com base na sua orientação semântica desafia os estudiosos das LB, na medida em que, todas CNs albergam, pelo menos, nomes “estranhos”. A título ilustrativo, os nomes *jaha* ‘rapaz, moço, jovem’, *lovha* ‘preguiçoso’ e *jámbana* ‘bandido’, todos da classe 5; *xidúhati* ‘ancião, idoso, velhote’; *xiléma* ‘coxo’, *xisiwana* ‘pobre’, da classe 7 e *ndota* ‘conselheiro, ancião’, *ndhuna*

‘induna, conselheiro da corte, ministro’ e *ngon'wá* ‘pessoa ou animal estéril’, da classe 9, deveriam estar na classe 1, reservada aos seres humanos. Aliás, as próprias CNs 1 e 2 também acolhem nomes semanticamente “deslocados”, como por exemplo, *ncwale* ‘lontra’; *wáwubidri* ‘terça-feira’; *Súngúti* ‘Janeiro’; *mahulwána* ‘espécie de ave nocturna, curiango’; *mangátlu* ‘águia negra’; *nkómbó* ‘sete’; *Nkómáti* ‘rio Incomáti’, etc.

Discutir as CNs da língua ronga neste trabalho dedicado à morfosintaxe das construções de IL é importante na medida em que, como referem Mutaka & Tamanji (2000, p. 233), ao nível das LB “the agreement or concord marker is always determined by the morphological class in which the noun belongs as well as the category of the modifier”. Entretanto, antes da análise da CV, na secção que se segue discute-se a locativização morfológica nas LB, com enfoque na língua em estudo.

### Morfosintaxe da locativização nas línguas bantu

#### Locativização

De acordo com Marten (2012, p. 433), ao nível da LB, “The most common pattern of locative marking involves the class 16-18 locative prefixes *pa-* (class 16), *ku-* (class 17) and *mu-* (class 18), prefixed to the original noun class prefix”, conforme documentam os exemplos das línguas herero, kagulu e bemba, que se seguem:

[Herero R30]

1a.	<i>pondjúwó</i> pu-o-n-djúwó 16-AUG-9-house ‘at a/the house’	b.	<i>kondjúwó</i> ku-o-n-djúwó 17-AUG-9-house ‘to(wards) a/the house’	c.	<i>mondjúwó</i> mu-o-n-djúwó 18-AUG-9-house ‘in a/the house’
-----	-----------------------------------------------------------------------	----	------------------------------------------------------------------------------	----	-----------------------------------------------------------------------

(MÖHLIG & KAVARI, 2008, p. 89)

[Kagulu G12]

2a.	<i>ha-mu-gunda</i> 16-3-farm ‘by the farm’	b.	<i>ku-mu-gunda</i> 17-3-farm ‘to(wards) the farm’	c.	<i>mu-mu-gunda</i> 18-3-farm ‘in/on the farm’
-----	--------------------------------------------------	----	---------------------------------------------------------	----	-----------------------------------------------------

(PETZELL, 2008, p. 34)

[Bemba M42]

- |     |                                                     |    |                                                            |    |                                                     |
|-----|-----------------------------------------------------|----|------------------------------------------------------------|----|-----------------------------------------------------|
| 3a. | <i>pà-n-gándá</i><br>16-9-house<br>'at a/the house' | b. | <i>kú-n-gándá</i><br>17-9-house<br>'to(wards) a/the house' | c. | <i>mù-n-gándá</i><br>18-9-house<br>'in a/the house' |
|-----|-----------------------------------------------------|----|------------------------------------------------------------|----|-----------------------------------------------------|

(MARTEN, 2012, p. 434)

Como mostram os exemplos (1-3), os locativos *pondjúwó* 'at a/the house' (cl.16), *kondjúwó* 'to(wards) a/the house' (cl.17) e *mondjúwó* 'in a/the house' (cl.18), em (1); *hamugunda* 'by the farm' (cl.16), *kumugunda* 'to(wards) the farm' (cl.17) e *mumugunda* 'in/on the farm' (cl.18), em (2) e *pangándá* 'at the house' (c.16), *kúngándá* 'to the house' (cl.17) e *mungándá* 'in the house' (cl.18), em (3), resultam da prefixação de *pa-* (cl.16), *ku-* (cl.17) e *mu-* (cl.18), aos nomes *ndjúwó* 'house' (cl.9), *mugunda* 'farm' (cl.3) e *ngándá* 'house' (cl.9). Note-se que cada um destes prefixos atribui uma localização específica, sendo que em (1a), por exemplo,

ocorre a locativização situacional (geral); em (1b), a direcional e em (1c), a de interioridade. Estes prefixos locativos (*pa-*, *ku-* e *mu-*) foram reconstituídos por Guthrie (1967-71), a partir das formas *\*pa-* (cl.16), *\*ko-* (cl.17) e *\*mo-* (cl.18), do *Proto-Bantu*, a língua ancestral de que todas as LB derivam.

Para além dos prefixos locativos *pa-*, *ku-* e *mu-*, Canonici (1991), Marten (2012), Chivambo (2015) e Zeller (2017) acrescentam que existem outras partículas locativas, designadamente, *e-* (cl.25), *-ini* (ou *-eng*) e *ka-*, conforme os exemplos que se seguem:

[Ganda JE15]

- 4a. *e-Kampala*  
LOC-Kampala  
'in kampala'

[Swati S44]

- b. *e-sitolo*  
LOC-shop  
'at the shop'

[Kinyarwanda JD61]

- c. *I Kigali*  
25.LOC 9.Kigali  
'in Kigali'

(MARTEN, 2012, p. 434)

(ZELLER, 2017, p. 5)

[Tshwa S51]

- 5a. *tshinyeni* 'no tronco'  
*misaveni* 'na areia'  
*mhambeni* 'na missa'

[Sotho S32]

- b. *tlung* 'in the house'  
*thabeng* 'on the mountain'  
*sekolong* 'at school'

(CHIVAMBO, 2015, p. 115)

(CANONICI, 1991, p. 113)

[Swati S44]

6. *ká-m-fúndisi*  
LOC-1-minister  
'at the minister's residence'

(ZIERVOGEL & MABUZA, 1976, *apud* ZELLER, 2017, p. 5)

Em (4) verifica-se que nas línguas ganda e swati, a locativização morfológica realiza-se através do prefixo locativo *e-* (cl.25). Assim, *eKampala* 'in Kampala' e *esitolo* 'at the shop', em (4a-b) resultam da prefixação desta partícula aos nomes *Kampala* 'Kampala' e *sitolo* 'loja', respectivamente. Já em (4c), na língua kinyarwanda, Zeller (2017) mostra que este prefixo regista

variação interlinguística, podendo realizar-se como *i-*, em *iKigali* 'in Kigali'.

Em (5a-b), Chivambo (2015) aponta que a locativização também pode ser sufixal, através da partícula *-ini*, que agregado aos nomes *tshinya* 'tronco', *misava* 'areia' e *mhamba* 'missa', deriva os locativos *tshinyeni* 'no tronco', *misaveni* 'na areia' e *mambeni* 'na missa'. Note-se que em (5b)



Canonici (1991) mostra que na língua sotho, esta partícula realiza-se como ‘eng’, sendo que ao ser sufixada aos nomes *thu* ‘house’, *thaba* ‘mountain’ e *sekolo* ‘school’, permite a derivação dos locativos *tlung* ‘in the house’, *thabeng* ‘on the mountain’ e *sekolong* ‘at school’.

No que concerne à génese da partícula locativa *-ini*, os bantuístas divergem profundamente. De facto, enquanto para Samson & Schadeberg (1994 *apud* ZELLER, 2017), Meinhof (1941/42), o pioneiro na discussão desta matéria, ela está relacionada à classe 18, Sacleux (1939 *apud* Zeller, 2017), discordando destes, entende que a mesma resulta da gramaticalização de *\*ini* ‘liver’, do *Proto-Bantu*. Por sua vez, Haddon (1951 *apud* Zeller, 2017) defende

que a partícula *-ini* está vinculada à partícula conectiva *na* ‘with’.

Em (6), na língua swati, observa-se que a locativização prefixal também pode ser realizada através de *ka-*, em *kámfúndisi* ‘at the minister’s residence’. Güldemann (1999 *apud* Zeller 2017, p.5), considera que este prefixo ocorre preferencialmente com os nomes [+ HUM], “to express the meaning of ‘at X’s homestead/ village, residence’”. Para os autores, o mesmo “is found exclusively in Southern Bantu” (p. 5), como por exemplo Tsonga.

Sobre a locativização morfológica, Guérois (2016) mostra, através dos exemplos que se seguem, que existem outras partículas locativas:

[Mongo C60]

- |     |                   |  |                  |
|-----|-------------------|--|------------------|
| 7a. | <i>nd’ étáfe</i>  |  | ‘on the branch’  |
|     | <i>ndá loulú</i>  |  | ‘in the bedroom’ |
|     | <i>ndá ntsína</i> |  | ‘at the basis’   |

(HULSTAERT 1966 *apud* GUÉROIS, 2016, p. 49)

[Bafia A50]

- |    |                                         |            |           |              |
|----|-----------------------------------------|------------|-----------|--------------|
| b. | <i>à-tá?</i>                            | <i>tám</i> | <i>bí</i> | <i>ñ-tó</i>  |
|    | SM1-wear                                | 1a.hat     | on        | 3-head       |
|    | ‘he wears/is wearing a hat on the head’ |            |           |              |
| c. | <i>bì-á-kê-í</i>                        |            | <i>á</i>  | <i>fy-ēē</i> |
|    | SM1PL-REC.PST-go-EFF                    |            | to        | 13-market    |
|    | ‘we went to the market’                 |            |           |              |

(GUARISMA 2000 *apud* GUÉROIS, 2016, p. 49)

[Duala A24]

- |    |                               |                 |                |            |              |
|----|-------------------------------|-----------------|----------------|------------|--------------|
| d. | <i>di-ta</i>                  | <i>di-senga</i> | <i>mu-mban</i> | <i>o’</i>  | <i>bo-ko</i> |
|    | SM1PL-was                     | SM1PL-hear      | 3-noise LOC    | 14-outside |              |
|    | ‘we heard a movement outside’ |                 |                |            |              |

(GASKIN 1927 *apud* GUÉROIS, 2016, p. 49)

Como mostram os exemplos acima apresentados, em algumas LB, como por exemplo, Mongo, Bafia e Duala, existem preposições que associadas aos nomes, permitem a locativização. Efectivamente, enquanto em Mongo, exemplo (7a), os falantes usam a preposição *ndá*, em Bafia e Duala existem as preposições *bí* ‘on, in’, *á* ‘at, to’ e *o’*, segundo Guarisma (2000 e Gaskin 1927 *apud* Guérois, 2016). Note-se que o uso do termo preposição, em vez de prefixo locativo, sugere que nestas línguas,

os morfemas *ndá*, *bí*, *á* e *o* são invariáveis, sendo que sintacticamente desempenham a função de ligar dois termos de uma oração, mostrando a natureza da relação.

Em algumas línguas, como por exemplo Cuwabo e Makhuwa, ocorre o que Guérois (2016, p. 25) designa por “double locative marking”, em que os prefixos locativos das classes 16, 17 e 18 co-ocorrem com a partícula locativa *-ini*, conforme os exemplos que se seguem:

[Cuwabo P34]

8a.	<i>va-ó-sálú-ni</i> 16-14-thread-LOC 'on the thread'	b.	<i>o-mu-yérê-ni</i> 17-3-tree.sp-LOC 'to the tree'	c.	<i>mu-dhi-ójâ-ni</i> 18-10-food-LOC 'in the food'
-----	------------------------------------------------------------	----	----------------------------------------------------------	----	---------------------------------------------------------

(GUÉROIS, 2016, p. 52)

[Makhuwa P31]

9a.	<i>wa-rattá-ni</i> 16-lagoon-LOC 'at the lagoon'	b.	<i>o-n-; tékô-ni</i> 17-3-work-LOC 'at work'	c.	<i>m-; phirô-ni</i> 18-path-LOC 'on the path'
-----	--------------------------------------------------------	----	----------------------------------------------------	----	-----------------------------------------------------

(GUÉROIS, 2016, p. 53)

Como mostram os exemplos (8) e (9), os prefixos locativos *va-*, *o-* e *mu-* co-ocorrerem com partícula locativa *-ini*, resultando, em *vaósálúni* 'on the thread', *omuyérêni* 'to the tree' e *mudhiójâni* 'in the food', exemplos (8), e, *warattáni* 'at the lagoon', *ontékôni* 'at work' e *mphirôni* 'on

the path', exemplos (9). Para além desta combinação, Canonici (1991) e Marten (2012) mostram, através dos exemplos que se seguem, que a partícula locativa *e-* (cl.25) também pode ser combinada com *-ini*:

[Zulu S42]

10a.	<i>endlini</i> <i>emzini</i> <i>esikoleni</i>	'in the house' 'in the village' 'at school'
------	-----------------------------------------------------	---------------------------------------------------

(CANONICI, 1991, p. 113)

[Swati S44]

b.	<i>e-ndl-in</i> 25-house-LOC 'at the house'
----	---------------------------------------------------

(MARTEN, 2012, p. 434)

Como se vê, nos exemplos (10) constata-se que o prefixo locativo *e-* ocorre com o sufixo locativo *-ini*, resultando em *endlini* 'in the house', *emzini* 'in the village' e *esikoleni* 'at school', exemplos (10a), e, *endlin* 'at the house', exemplos (10b).

Na terminologia de Buel (2007), os locativos que até aqui foram analisados são designados por locativos formais "formal locatives", na medida em que não são apenas locativos em relação ao significado, mas também no que concerne às suas formas gramaticais. Entretanto, diferentemente destes, Doke (1967, p. 148) considera que "Certain nouns are used as locative adverbs without any change of form", como por exemplo, *i.* topónimos "place-names" (*Lesotho* 'Basutoland' e *Maseru* 'Maseru'); *ii.* nomes que denotam épocas de tempo e *iii.* certos nomes comuns, (*monyako* 'doorway, at the door' e *leoatle* 'sea, at sea'). Siteo (2001, p. 9) concordando com Doke (1967), designa esses locativos de inerentes, "in the sense that they designate places". Na mesma

esteira e usando uma outra terminologia, Buel (2007, p. 106) designa estes nomes por locativos semânticos e chama atenção no sentido de que, "although they denote things that can be construed as places, do not themselves belong to one of the three locative classes".

Diferentemente das línguas herero, kagulu e bemba, em que os prefixos *pa-*, *ku-*, *mu-* são produtivos, na língua ronga estes perderam as suas características semântico-morfológicas, conforme mostram os exemplos que se seguem:

Como documentam os exemplos (11), na língua ronga, tanto a prefixação por *pa-* (cl.16), em (11a), quanto através de *ku-* (cl.17) e *mu-* (cl.18), em (11b) e (11c), respectivamente, aos nomes *xikole* 'escola', (cl.8); *kerheke* 'igreja' (cl.4); *movha* 'carro' (cl.3) e *yindlu* 'casa' (cl.9), resultam em formas agramaticais, o que sustenta a tese de que estes prefixos não são produtivos. Para além destes, os dados que se seguem mostram que o prefixo *e-* também não é produtivo:

11a.	<i>*paxikole</i> <i>*pakerheke</i> <i>*pamovha</i> <i>*payindlu</i>	b.	<i>*kuxikole</i> <i>*kukorheke</i> <i>*kumovha</i> <i>*kuyindlu</i>	c.	<i>*muxokole</i> <i>*mukerheke</i> <i>*mumovha</i> <i>*muyindlu</i>
------	------------------------------------------------------------------------------	----	------------------------------------------------------------------------------	----	------------------------------------------------------------------------------

Os exemplos (12) mostram que quando o prefixo *e-* é agregado a nomes de diferentes CNs, como por exemplo, *xikole* ‘escola’ (cl.7), *movha* ‘carro’ (cl.3) e *nguluve*

‘porco’ (cl.9), em (12a), e a locativos *Matrolo* ‘Matola’, *Manyisa* ‘Manhiça’ e *Nampula* ‘Nampula’, em (12b), resulta em formas agramaticais.

12a.	<i>e-</i> + <i>xikole</i> ‘escola’ (cl.7) <i>*exikole</i>	b.	<i>e-</i> + <i>Matrolo</i> ‘Matola’ (Loc.) <i>*eMatrolo</i>
	<i>e-</i> + <i>movha</i> ‘carro’ (cl.3) <i>*emovha</i>		<i>e-</i> + <i>Manyisa</i> ‘Manhica’ (Loc.) <i>*eManyisa</i>
	<i>e-</i> + <i>nguluve</i> porco’ (cl.9) <i>*enguluve</i>		<i>e-</i> + <i>Nampula</i> ‘Nampula’ (Loc.) <i>*eNampula</i>

Apesar de na língua em estudo os prefixos *ha-*, *ku-* e *mu-* não serem produtivos, existem, segundo Bachetti (2006), algumas rudimentos destes, como por exemplo em *ha-nsi* ‘em baixo/no chão’ (cl.16), *ha-ndle* ‘fora, exterior’ (cl.16); *ku-le* ‘longe’ (cl.17), *ku-suhi* ‘próximo, perto’ (cl.17) e *n-dreni* ‘o interior’ (cl.18) e em *n-trháku* ‘atrás de’ (cl.18). Note-se que nestes exemplos, considera-se que no estágio actual da língua ronga, os prefixos *ha-*, *ku-* e *mu-* estão

lexicalizados, o que significa que estruturalmente, estes passam a fazer parte do radical nominal.

Considerando os exemplos (11 e 12), a pergunta que se coloca é “como os falantes da língua ronga realizam a locativização morfológica?”. Para responder a esta pergunta, considerem-se os seguintes exemplos:

13a.	<i>xi-tichi</i> 7.paragem	+ <i>-ini</i>	> <i>xi-tich-ini</i> 7.paragem-LOC	‘na paragem’
b.	<i>mu-godí</i> 3.mina	+ <i>-ini</i>	> <i>mu-god-ini</i> 3.mina-LOC	‘na mina’

Nos exemplos (13) constata-se que a sufixação do morfema locativo *-ini* aos nomes *xitichi* ‘paragem’ e *mugodí* ‘mina’ permite que estes passem a designar lugares, neste caso, *xitichini* ‘na paragem’ e *mugodini* ‘na mina’. Note-se que, como os nomes *xitichi* e *mugodi* terminam com a vogal *-i*, a sufixação de *-ini*, que também exhibe a vogal *-i-* no início, desencadeia a elisão da vogal deste morfema dependente, para evitar a ocorrência das formas agramaticais *\*xitichiini* e *\*mugodiini*, caracterizadas pelos hiatos, sequências geralmente não toleradas pela fonologia da língua em estudo. Para além deste contexto

fonológico, a elisão da vogal inicial do sufixo locativo também ocorre quando o nome termina em *-e*, o que faz com que o sufixo locativo passe a ser *-eni*, como por exemplo, em *nguluveni* ‘no porco’, de *nguluve* ‘porco’ (cl.9); *kerhekeni* ‘na igreja’, de *kerhéke* ‘igreja’ (cl.5), *mberheni* ‘na cacimba; no orvalho’, de *mbérhé* ‘cacimba; orvalho’ e *maveleni* ‘nos seios, de *mavélé* ‘mamas; seios’ (cl.6).

Para além da elisão, a sufixação de *-ini* origina também a fusão e a semivocalização, conforme os exemplos que se seguem:

14a.	<i>móvha</i> 3.carro	+ <i>-ini</i>	> <i>movh-eni</i> 3.carro-LOC	‘no carro’
------	-------------------------	---------------	----------------------------------	------------



b.	<i>nkolo</i> 3.pescoço	+ <i>-ini</i>	> <i>nkolw-eni</i> 3.pescoço-LOC	‘no pescoço’
c.	<i>yindlu</i> 9.casa	+ <i>-ini</i>	> <i>yi-ndlw-ini</i> 9.casa-LOC	‘dentro da casa’

No exemplo (14a) verifica-se a fusão entre as vogais *-a* do nome *movha* ‘carro’ e *i-* do sufixo locativo, destacados a negrito, resultando em uma vogal de características semelhantes a estas duas. Deste modo, considerando que a vogal *-a* é baixa e, *i-* é alta, a que resulta deste encontro é média, neste caso *-e*, o que faz com que o sufixo locativo passe a ser *-eni*. É este processo que se verifica na locativização de todos os verbos, visto que estruturalmente, a vogal final é invariavelmente *-a*. Assim, existe *kukineni* ‘na dança’, de *kukiná* ‘dançar’; *kufeni* ‘nos falecimentos’, de *kufa* ‘morrer’; *kun’weni* ‘na bebedeira’, de *kun’wá* ‘beber’ e, *kukhongeleni*, ‘na reza’, *kudrimeni* ‘no cultivo’, *kuhlambeni* ‘no banho’, aos quais convida-se o leitor a descobrir os verbos locativizados e as respectivas glossas!

Em (14b-c) ocorre a semivocalização,

15a.	<i>Xiwúle</i> ‘Chiúle’	>* <i>Xiwuleni</i>	b. <i>mudóndrisí</i> ‘professor’	>* <i>mudondrisíni</i>
	<i>Mariya</i> ‘Maria’	>* <i>Mariyeni</i>	<i>xidúhátí</i> ‘idoso’	>* <i>xidúhatini</i>
	<i>Pinto</i> ‘Pinto’	>* <i>Pintweni</i>	<i>mbzáná</i> ‘cão’	>* <i>mbzaneni</i>
c.	<i>Mbulúzi</i> ‘rio Umbelúzi’	>* <i>Mbulúzini</i>	d. <i>mine</i> ‘eu’	>* <i>mineni</i>
	<i>Nkómátí</i> ‘rio Incomátí’	>* <i>Mkomatini</i>	<i>hine</i> ‘nós’	>* <i>hineni</i>
	<i>Pasífikú</i> ‘Oceano Pacífico’	>* <i>Pasífikweni</i>	<i>vone</i> ‘eles’	>* <i>voneni</i>

Como mostram os exemplos (15a-b), a sufixação de *-ini* aos nomes próprios e comuns [+ HUM] resulta em formas agramaticais, como por exemplo, *\*Xiwuleni*, *\*Mariyeni* e *\*Pintweni*, em (14a) e, *\*mudondrisíni*, *\*xidúhatini* e *\*mbzaneni*, em (15b), rejeitadas pelos informantes. As restrições seccionais deste prefixo locativo também se aplicam aos nomes próprios [- HUM], como por exemplo *Mbulúzi* ‘rio Umbeluzi’, *Nkómátí* ‘rio Incomati’ e *Pasífikú* ‘Oceano Pacífico’,

processo fonológico que segundo Ngunga & Simbine (2012, p. 47), ocorre “quando uma vogal arredondada se torna semivogal antes de outra vogal”. O encontro entre as vogais, origina, primeiro, a assimilação que consiste em a vogal /i/ do sufixo locativo transformar-se em /e/, através da aquisição do traço [-alt] da vogal /o/. Posteriormente, ocorre a semivocalização desta vogal, de modo a evitar a forma agramatical *nhlokoeni*, que se caracteriza pela ocorrência do hiato destacado.

Em termos de ocorrência, os exemplos (13 e 14) mostraram que o sufixo locativo *-ini* é preferencialmente agregado a nomes comuns [- HUM] e verbos. Agora, veja-se o que sucede nos contextos em que ele é sufixado a nomes próprios e comuns [+ HUM] e pronomes pessoais:

em (15c), e aos pronomes pessoais *mine* ‘eu’ *hine* ‘nós’ e *vone* ‘eles’, em (15d). Resumindo, este sufixo locativo é sensível a nomes próprios e comuns [+ HUM], nomes próprios [- HUM] e pronomes pessoais.

O sufixo locativo *-ini* não é a única partícula que os falantes da língua em estudo usam para locativizar nomes, conforme os exemplos que se seguem:

16a.	<b>Ka</b> <i>mudóndrisí</i> ‘no professor’	b.	<b>Ka</b> <i>Xiwúle</i> ‘no Chiúle’
	LOC 1.professor		LOC 1.Chiúle
17a.	<b>Ka</b> <i>Matrolo</i> ‘na Matola (Cidade)’	b.	<b>Ka</b> <i>Nhlamankulu</i> ‘no Nhlamanculo’

LOC-1.Matola		LOC-1.Nhlamanculo	
c.	<b>Ka</b> kudrima ‘na lavoura’ LOC 15.lavrar	d.	<b>Ka</b> kufenya ‘no pentear’ LOC 15.pentear

Em (16a-b), os locativos *ka mudóndrísí* ‘no professor’ e *ka Xiwúle* ‘no Chiúle’ derivam do uso da partícula locativa independente *ka* aos nomes [+ HUM] comum e próprio *mudóndrísí* ‘professor’ e *Xiwúle* ‘Chiúle’, respectivamente. Igualmente, em (17a-b) apresentam-se os locativos *kaMatrolo* ‘na Matola’ e *kaNhlamankulu* ‘no Nhlamanculo’, resultantes da prefixação da prefixo locativo *ka-* aos topónimos *Matrolo* ‘Matola’ e *Nhlamankulu* ‘Chamanculo’. Já (17c-d), constata-se que a esta partícula também permite a locativização de verbos. Como se pode observar, as partículas *ka* e *ka-* são o mesmo elemento. A sua variação

é meramente uma questão ortográfica, visto que, ao nível da escrita, padronizou-se que a partícula locativa *ka* escreve-se disjuntivamente quando é seguida de um nome que não é topónimo e, conjuntivamente nos contextos em que ocorre com topónimos. Por isso mesmo, neste último caso ela é seguida de um traço, para mostrar que é prefixo.

Na língua em estudo, casos há em que a vogal *-a*, da partícula locativa *ka*, é substituída por *-u*, passando a ser *ku*, conforme os exemplos que se seguem:

18a.	<i>mine</i> ‘eu’ PP1.eu	<i>ku mine</i> ‘no meu’ LOC eu	b.	<i>kuyaka</i> ‘construir’ 15.construir	<i>*ku kuyaka</i>
c.	<i>Malume</i> ‘tio’ 1.tio	<i>ku malume</i> ‘no tio’ LOC.tio	d.	<i>Khosa</i> ‘Cossa’ 1.Cossa	<i>ku Khosa</i> ‘no Cossa’ LOC. Cossa
e.	<i>Musambiki</i> ‘Moçambique’ 1. Moçambique				<i>*ku Musambiki</i>

Como mostram os exemplos (18), a locativização também por ser realizada através *ku*, quando especificamente se trata de pronomes pessoais, como sucede com *ku mine* ‘no meu’, em (18a) e, nomes [+ HUM] comuns e próprios, como por exemplo, *ku malume* ‘no tio’ e *ku Khosa* ‘no Cossa’, exemplos (18c) e (18d), respectivamente. Contrariamente, os exemplos (18b) e (18d) mostram que *ku* não locativiza verbos e locativos inerentes, no caso em análise,

*kuyaka* ‘construir’ e *Musambiki* ‘Moçambique’.

Tendo analisando os contextos e as restrições que as partículas locativas *-ini*, *ka(-)* e *ku* observam na locativização de diferentes unidades lexicais, a pergunta que se coloca é: Será na língua em estudo ocorre o “double locative marking”? Para tal, considerem-se os seguintes exemplos:

19a.	<i>xib'ala</i> ‘cural’ (cl.7) <i>masirha</i> ‘cemitério’ (cl.6) <i>mbilu</i> ‘coração’ (cl.9)	<i>*ka xib'aleni</i> <i>*ka masirheni</i> <i>*ka mbilwini</i>
b.	<i>xib'ala</i> ‘cural’ (cl.7) <i>masirha</i> ‘cemitério’ (cl.6) <i>mbilu</i> ‘coração’ (cl.9)	<i>xib'aleni ka xib'ala</i> ‘no cural’ <i>masirheni ka masirha</i> ‘no cemitério’ <i>mbilwini ka mbilu</i> ‘no coração’

Os exemplos (19a) mostram que, diferentemente do que sucede nas línguas cuwabo (GUÉROIS, 2016), zulu (CANONICI, 1991) e swati (MARTEN,

2012), onde duas partículas locativas podem co-ocorrer, na língua em estudo, a co-ocorrência dos morfemas locativos *ka* e *-ini* resulta em formas agramaticais. Em

contextos similares a estes, o falante selecciona uma das partículas locativas, conforme os exemplos (19b). Deste modo, para locativizar o nome *xib'ala* ‘cural’ (cl.7), o falante pode dizer *xib'alení*,

agregando o sufixo *-ini*, ou *ka xib'ala* ‘no cural’, usando *ka*.

O quadro que a seguir é apresentado mostra os contextos em que cada um dos morfemas locativos *-ini*, *ka(-)* e *ku*:

TABELA 2 - Contextos de uso dos morfemas locativos *-ini*, *ka(-)* e *ku*

Morfema Locativo	Pronomes pessoais	Verbos	Nomes próprios e comuns [+ HUM]	Nomes comuns [- HUM]	Nomes próprios [- HUM]
<i>-ini</i>		Sim		Sim	
<i>ka(-)</i>		Sim	Sim	Sim	Sim
<i>ku</i>	Sim		Sim		

A Tabela 2 mostra que os morfemas locativos *-ini*, *ka(-)* e *ku* tendem a observar uma distribuição complementar, visto que em nenhum dos contextos é possível usá-los. A título de exemplo, enquanto o morfema *ku* é o único que permite a locativização de pronomes pessoais, o

mesmo é bloqueado nos contextos de verbos, nomes próprios e comuns [- HUM].

Para além dos locativos formais que emergem das partículas locativas *-ini*, *ka(-)* e *ku*, na língua ronga existem ainda os locativos inerentes (semânticos), conforme os exemplos que se seguem:

20a.	<i>Mosambiki</i>	‘Moçambique’; b.	<i>Manjhakázi</i>	‘distrito de Manjacaze’
	<i>Sofala</i>	‘Província de Sofala’	<i>Motáze</i>	‘Motaze’
	<i>Kilimani</i>	‘Cidade de Quelimane,	<i>Bunyísa</i>	‘Bunhiça’

Nos exemplos (20) depreende-se que apesar de morfologicamente, os nomes *Mosambiki* ‘Moçambique’; *Sofala* ‘Província de Sofala’, *Kilimani* ‘Cidade de Quelimane, Província da Zambézia’, *Manjhakázi* ‘distrito de Manjacaze, Província de Gaza’, *Motáze* ‘Motaze, Posto Administrativo de Magude, Província de Maputo’ e *Bunyísa* ‘Bunhiça’ (Bairro do Município da Matola) não emergirem de nenhum dos marcadores locativos, designam espaços específicos (topónimos). Ou seja, semanticamente funcionam como marcadores linguístico-culturais de lugar. A ausência de um dos morfemas locativos faz com que estes nomes não variem.

Como se viu, na língua ronga existem 6 formatos possíveis de locativos, a saber: *i.* locativos que ainda se acham nas tradicionais classes locativas; *ii.* locativos

derivados da partícula *-ini*, *iii.* locativos derivados da partícula dependente *ka-*; *iv.* locativos que resultam da independente *ka*; *v.* locativos que emergem derivados da independente *ku* e *vi.* locativos inerentes ou semânticos (locativos não marcados).

Assim, tendo analisado a variação da locativização morfológicas nas LB, a pergunta que se coloca é: “que marcas de CV são seleccionadas nas construções de IL?”.

### Concordância verbal nas construções de inversão locativa

Segundo Marten (2012), Ngunga (2014), Guérois (2016) e Baxter (2016), sintacticamente, a posição de sujeito gramatical (SG) pode ser ocupada por um locativo, conforme os exemplos que se seguem:

[Ganda JE15]				
21a.	<i>V-ana</i>	<i>va-notamba</i>	<i>pa-chikoro.</i>	‘The children play at school’.
	2-children	2-play	16-school	

b.	<i>Pa-chikoro</i> 16-school	<i>pa-notamba</i> 16-play	<i>v-ana.</i> 2-children	‘At school the children play’.
c.	<i>Pa-chikoro</i> 16-school	<i>va-notamba</i> 2-play	<i>v-ana.</i> 2-children	‘At school the children play’.

(BAXTER, 2016, p. 3)

No exemplo (21a) o núcleo do SG é *vana* ‘children’ (cl.2). Por isso, a marca de CV seleccionada é *va-* (cl.2). Contrariamente, em (21b) o núcleo do SG é um locativo, neste caso *pachikoro* ‘at school’ (cl.16), daí que a marca de CV passa a ser *pa-*, (cl.16). Comparando as duas construções, constata-se que, enquanto em (21a) *vana* é SG, em (21b) este passa a ser objecto sintáctico, visto que o SG é *pachikoro*. Na literatura linguística, as construções similares a (21b), em que o constituinte locativo não argumental realiza-se na posição de SG são, segundo Marten (2010), designadas por IL. Nestes contextos, Marten (2010, p. 4) considera que “locative nouns are essentially like other nouns in terms of morphology, agreement and syntactic behaviour”.

Comparando a construção em (21b) com a (21c), Baxter (2016), mostra que, afinal, a forma verbal, tanto pode concordar com SG, como sucede em (21b), quanto com o objecto sintáctico, conforme o exemplo (21c), através da marca *va-* de *vachikoro* ‘they play’. Diferenciando estas duas possibilidades de concordância, Marten (2012), considera que em (21b) ocorre a concordância interna (‘inner concord ou noun concord’) e em (21c), a concordância alternativa (‘alternative concord’).

Sobre a CV na IL, Zeller & Ngoboka (2018, p. 67), partindo de dados das línguas erero e cewa, consideram que “When these locatives appear in subject position, they trigger agreement with the verb, as witnessed by the occurrence of a locative subject marker reflecting the corresponding noun class of the locative subject”. Entretanto, Ngunga (2014), discordando destes linguistas, considera que em algumas línguas, como por exemplo Changana, a concordância não é aliterativa. Ou seja, casos há em que a marca de concordância não é seleccionada em função da CN do locativo núcleo do SG, copiando literalmente o PN.

Zeller & Ngoboka (2018), alinhando com Ngunga (2014) e sobretudo depois de uma análise acurada da IL em várias LB, subdividem-as em dois grupos, sendo que, por um lado, existe (‘Type 1-languages’), que agrega as LB em que a CV realiza-se através de três marcas, conforme a CN do locativo núcleo do SG e, por outro lado, (‘Type 2-languages’), que agrupa as LB em que a marca de CV é unicamente *ku-*, (cl.17), independentemente da CN do locativo núcleo do sujeito. Os exemplos que se seguem ilustram estes dois grupos, iniciando daquelas em que a selecção da marca de CV é dependente da CN do núcleo:

[Bemba M42]				
22a.	<i>Pà-ngándá</i> 16-9.house	<i>pà-li</i> SM16-be	<i>àbà-nà.</i> 2-children	‘There are children at home.’
b.	<i>Kú-ngándá</i> 17-9.house	<i>kwà-lí-is-à</i> SM17-RecPast-come-FV	<i>áb-èni.</i> 2-guests	‘Visitors have come to the house.’
c.	<i>Mù-ngándá</i> 18-9.house	<i>mù-lé-ímb-á</i> SM18-PROGR-sing-FV	<i>ábà-nà.</i> 2-children	‘The children are singing in the house.’

(MARTEN, 2010, p. 251)

Nos exemplos (22) constata-se que embora todos núcleos dos SGs sejam locativos, as marcas de CV seleccionadas são diferentes. Efectivamente, enquanto em (22a) a marca de CV é *pa-* (c.16), em (22b) é *ku-* (cl.17) e em (22c) é *mu-* (cl.18). Resumidamente,

estes dados mostram que a selecção destas marcas é determinada pela classe locativa do núcleo do SG. Note-se que este factor também se observa nos contextos em que o locativo núcleo do sujeito é da classe 25, conforme o exemplo que se segue:

[Ganda E15]

23.	<i>e-Kampala</i>	<i>e-kolayo</i>	<i>aba-ntu b-angi.</i>
	25-Kampala	SM25-work	2-people 2-many
	'à Kampala beaucoup de gens travaillent'		

(GREGOIRE 1975 *apud* MARTEN, 2012, p. 435)

A construção acima apresentada não difere das discutidas em (22), visto que nela, *eKampala* 'Kampala' (cl.25), núcleo do SG, também é um locativo. Entretanto, como este não é das classes 16, 17 e 18, mas sim, da classe 25, a marca de CV é *e-*.

A selecção de diferentes marcas de CV não se verifica apenas nas LB em que os

tradicionais prefixos locativos estão activos. Segundo Ngobora (2016), há línguas em que embora a locativização morfológica seja feita através da sufixação do morfema locativo *-ini*, os prefixos dependentes *pa-*, *ku-* e *mu-* são recuperados, para efeitos concordância, conforme mostram os exemplos de Swahili, que se seguem:

[Swahili G42]

24a.	<i>Nyumba-ni</i>	<i>hapa</i>	<i>pa-na</i>	<i>baridi.</i>
	9.house-LOC	16.DEM	16-have	9.cold
	'This home is cold.'			
b.	<i>Nyumba-ni</i>	<i>huku</i>	<i>ku-na</i>	<i>baridi.</i>
	9.house-LOC	17.DEM	17-have	9.cold
	'This home is cold.'			
c.	<i>Nyumba-ni</i>	<i>humu</i>	<i>m-na</i>	<i>baridi.</i>
	9.house-LOC	18.DEM	18-have cold	9.cold
	'It is cold inside this home.'			

(NGOBOKA, 2016, p. 70)

Diferentemente dos exemplos discutidos em (22), em que os núcleos dos SGs resultam da prefixação de *pa-*, *ka-* e *mu-*, em (24) constata-se que o núcleo locativo *nyumbani* deriva da sufixação de *-ini* ao nome *nyumba* 'house' (cl.9). Entretanto, em termos sintácticos, apesar de nestes exemplos os locativos núcleos não resultarem dos tradicionais prefixos locativos, as marcas de concordância seleccionadas são *pa-*, *ku-* e *mu-*, tendo em conta a locativização que se pretende expressar. Deste modo, enquanto em (24a), a marca de CV é *pa-*, em (24b) é *ku-* e em (24c) é *mu-*. Este padrão de concordância é

uma pista importante, na medida em que permite questionar a tese de Meinhof (1941/42 *apud* Zeller, 2017), segundo a qual o sufixo locativo *-ini* está relacionado com a classe 18 (*mu-*).

A selecção das marcas *pa-*, *ka-* e *mu-* não se verifica apenas nos contextos em que os núcleos dos SGs são locativos formais que resultam dos tradicionais prefixos locativos ou da sufixo locativo *-ini*. Efectivamente, Ngoboka (2016) mostra que estas marcas são igualmente seleccionadas quando os núcleos dos SGs são locativos inerentes, conforme os exemplos que se seguem:



[Swahili G42]

25a.	<i>Hospitali</i> 9.hospital	<i>hapa</i> 16.DEM	<i>pa-na</i> 16-have	<i>baridi.</i> 9.cold	'It is cold at this hospital'
b.	<i>Hospitali</i> 9.hospital	<i>huku</i> 17.DEM	<i>ku-na baridi.</i> 16-have 9.cold		'It is cold at this hospital'
c.	<i>Hospitali</i> 9.hospital	<i>humu</i> 18.DEM	<i>m-na baridi.</i> 17-have cold		'It is cold inside this hospital.'

(NGOBOKA, 2016, p. 71)

Conforme documentam os exemplos (25), *hospitali* 'hospital', o núcleo de sujeito em todas construções, é um nome da classe 9. Entretanto, como para além de designar uma instituição social com uma função específica de cuidar de doentes, também é portador da noção locativa, no sentido de denominar o local ou espaço onde se faz o diagnóstico, tratamento ou internamento de pacientes, faz sentido que funcione como núcleo de sujeito, na IL. Por isso, nas construções em análise, são seleccionados

diferentes marcas de CV, em função específica da locativização veiculada. Deste modo, enquanto em (25a) a marca de concordância é *ha-* (cl.16), em (5) é *ku-* (cl.17) e, em (25c) é *mu-* (cl.18).

Diferentemente do que sucede nas línguas acima analisadas, os dados de Lozi, que a seguir são apresentados, sugerem que há línguas em que na IL, independentemente da classe locativa do núcleo do sujeito simples, a marca de CV é uma e única:

[Lozi K21]

26a.	<i>Fa-tafule</i> 16-table	<i>ku-ins-i</i> 17-be/sit-TNS	<i>li-tapi.</i> 5-fish	'On the table there is a/the fish'
b.	<i>Mwa-ndu</i> 18-house	<i>ne-ku-ken-I</i> TNS-17-enter-TNS	<i>ma-sholi.</i> 6-thieves	'Into the house entered the thieves'
c.	<i>Kwa-kota</i> 17-tree	<i>ku-opel-a</i> 17-sing-FV	<i>li-njoko.</i> 10-monkeys	'The monkeys are singing at the tree'

(SALZMANN, 2011, p. 5)

Analisando as construções (26), constata-se que os núcleos dos SGs são locativos de diferentes classes, sendo que *fatafule* 'on the table', em (26a) é da classe 16; *mwandu* 'into the house', em (26b), da classe 17 e *kwakota* 'at the tree', em (26c), da classe 18. Entretanto, contrariamente aos exemplos (22 e 23), os dados mostram que a marca de concordância não reflecte a CN do núcleo do sujeito, visto que, apesar de estes núcleos serem de classes locativas diferentes, a marca de concordância seleccionada é *ku-* (cl.17). Resumindo, nestes contextos, a classe locativa do núcleo é um factor marginal.

Os dados analisados em (26) permitem concluir que na língua lozi ocorreu a neutralização dos marcadores da concordância das classes locativas 16, 17 e 18. Dessa forma, a marca de concordância *ku-* constitui o expediente morfológico que os falantes accionam, de modo a estabelecer a concordância sintáctica com todos os locativos destas classes.

Em algumas línguas como por exemplo Zulu, a exclusiva selecção da marca da *ku-* (cl.17) é, segundo Marten (2010), associada à perda da morfologia das classes 16 e 18, conforme mostram os exemplos que se seguem:

[Zulu S42]

27a.	<i>E-ndl-ini</i> LOC-house-LOC	<i>ku-ya-shisa.</i> SM17-PRES-be.hot
------	-----------------------------------	-----------------------------------------

‘In the house it’s hot.’

- b. *Phandle* *ku-ya-bandza.*  
 16.outside SM17-PRES-be.cold  
 ‘Outside it is cold.’

(MARTEN, 2010, p. 256)

Nos exemplos (27) verifica-se que apesar de morfologicamente os locativos núcleos dos SGs serem de CNs diferentes, a marca de concordância é idêntica. Nestes contextos, Marten (2012) considera que *ku-* é uma marca de concordância expletiva (‘expletive subject maker’), visto que a sua selecção não é justificada pela classe dos locativos núcleos. A selecção desta marca nestes e em outros contextos mostra, de acordo com Marten (2010, p. 256), “that *ku-* has lost its locative semantics and can be used to encode more abstract semantic functions”.

Tendo em conta que na língua ronga, os prefixos *pa-*, *ku-* e *mu-* não são produtivos e que, como se viu, em algumas LB, a não produtividade não implica que estes não

possam ser activados na CV, duas questões que se colocam: “como é que os falantes desta língua realizam a CV nos contextos de sujeito simples e complexo? Será que o factor estrutural de sujeito influencia a selecção da marca de CV?”

### Concordância locativa na língua ronga

Conforme referiu-se na introdução, na presente secção discute-se, de forma separada, a CV em construções de IL de sujeitos simples e complexo. A opção por esta organização de dados justifica-se pela necessidade de avaliar a influência do factor estrutural do SG, no processamento sintáctico de concordância. Deste modo, inicia-se a discussão abordando o sujeito simples.

### Sujeito simples

28a.	<i>Henhlá</i> 16.em cima ‘Em cima da árvore há cobra.’	<i>ka</i> Part. Poss.	<i>nsínya</i> 9.árvore	<i>ku-ni</i> 17.MC-ser/estar.Pr	<i>nyóká.</i> 9.cobra
b.	<i>Hándlé</i> 16.fora ‘Fora está muito fresco.’	<i>ku-pépá</i> 17MC-estar fresco.Pr		<i>svinéné.</i> Adv.muito	
c.	<i>A-káyá</i> PE-17.em casa ‘Em casa chegaram hóspedes.’	<i>ku-tlhas-ile</i> 17.MC-chegar- Pas		<i>va-yeni.</i> 2.hóspedes	
d.	<i>Ntrhaku</i> 18.atrás Part, Poss ‘Atrás da casa há muito capim.’	<i>ka</i> 9.casa	<i>yindlu</i> 17.MC-estar cheio de capim-Pas	<i>ku-tlhum-ile</i> 17.MC-estar cheio de capim-Pas	<i>svinéné.</i> Adv.muito
e.	<i>Ndreni</i> 18.dentro ‘Dentro do autocarro está limpo.’	<i>ka</i> Part. Poss.	<i>xi-bómba</i> 7.autocarro	<i>ku-bas-ile.</i> 17.MC-ser limpo-Pas	

Os exemplos acima apresentados sugerem que nos contextos em que o núcleo do SG é um dos locativos que ainda se pode achar nas classes 16, 17 e 18, a marca de CV é sempre *ku-* (cl.17). Efectivamente, tanto em (28a-b), onde os núcleos *henhlá* ‘em cima’

e *hándlé* ‘fora’ são da classe 16, quanto em (28c), onde *akaya* ‘em casa’ é da classe 17 e, em (28d-e), onde *ntrhaku* ‘atrás’ e *ndreni* ‘dentro’ são da classe 18, esta marca de CV não se altera. Por isso, diferentemente do que se constatou na língua lozi, exemplos

(25), estes dados permitem inferir que nestes contextos, a CN do núcleo do SG simples é um factor marginal, dado que a marca seleccionada interpreta apenas que o

núcleo do sujeito é um locativo. A análise de que *ku-* é um elemento que interpreta exclusivamente o papel semântico pode ser claramente visualizada nestes exemplos:

29a.	<i>Movha</i>	<i>wu-nchim-ile</i>	<i>svinéné.</i>
	3.carro	3.MC-estar sujo-Pas	Adv.muito
	‘O carro está bastante sujo.’		
b.	<i>A-movh-eni</i>	<i>ku-nchim-ile</i>	<i>svinéné.</i>
	PE-3.carro.LOC	17.MC-estar sujo-Pas	Adv.muito
	‘Dentro do carro está muito sujo.’		

Conforme mostram os exemplos (29), quando o núcleo do sujeito simples é um nome da classe 3, neste caso, *movha* ‘carro’, a marca de concordância é *wu-*, exemplo (29a). Entretanto, quando ao núcleo *movha* ‘carro’, exemplo (29b), se agrega o sufixo *-ini*, passando a ser locativo, a marca de CV altera-se para *ku-* (cl.17). Neste último exemplo, constata-se que realmente, a marca *ku-*, embora não interprete um núcleo da classe 17, a mesma é referente ao papel

semântico do núcleo locativo *movh-eni* ‘dentro do carro’.

A marca de CV *ku-* não é apenas seleccionada nos contextos em que os núcleos dos SG são locativos associados às classes 16, 17 e 18. De facto, os exemplos que se seguem mostram que a mesma é usada quando o núcleo do sujeito é um nome locativizado a partir do sufixo *-ini*:

30a.	<i>A-xikolw-eni</i>	<i>ku-tal-ile</i>	<i>hi</i>	<i>mati.</i>
	PE-escola-LOC	17.MC-estar cheio-Pas	por	6.água
	‘Na escola está cheio de água.’			
b.	<i>A-movh-eni</i>	<i>ku-nghena</i>	<i>la-va</i>	<i>va-basiki.</i>
	PE-carro-LOC	17.MC-estar cheio	aqueles.2	2-estar limpo. Pr
	‘No céu entram os que estão limpos.’			
c.	<i>A-masirh-eni</i>	<i>ku-tlhum-ile</i>		<i>svinéné.</i>
	PE- cemitério-LOC	17.MC-estar cheio de capim-Pas		Adv.bastante
	‘No cemitério há muito capim.’			

Diferentemente dos exemplos (28), onde os núcleos dos SGs são vestígios dos tradicionais PNs das classes 16, 17 e 18, em (30), os núcleos *xikolweni* ‘na escola’, *movheni* ‘no carro’, e *masirheni* ‘no cemitério’, são locativos resultantes da sufixação da partícula locativa *-ini*, aos nomes *xikole* ‘escola’ (cl.7), *movha* ‘carro’ (cl.3) e *masirha* ‘sepultura’ (cl.6). Entretanto, apesar desta diferença formal, em termos sintácticos, estas construções não diferem das já analisadas, visto que, a marca de CV continua sendo *ku-*, o que

sustenta ainda mais a tese de que esta marca é seleccionada devido ao papel semântico do núcleo do GS.

Tendo-se discutido a CV nas construções em que os núcleos dos sujeitos são locativos de diferentes classes locativas e nomes morfológicamente locativizados pelo sufixo locativo *-ini*, a pergunta que se coloca é: “que marca de CV é seleccionada quando o núcleo do sujeito é um nome resultante da prefixação das partículas locativas *ka-* e *ka*?” Para responder esta pergunta, considerem-se os seguintes exemplos:

31a.	<i>KaMaputru</i> LOC.Maputo	<i>ku-tal-ile</i> 17.MC-estar cheio-Pas	<i>hi</i> Por	<i>nsila.</i> 9.sugidade
	'Em Maputo está cheio de sugidade.'			
b.	<i>KaMatrolo</i> LOC.Matola	<i>ku-nchim-ile.</i> 17.MC-estar sujo-Pas		
	'Na Matola está sujo.'			
c.	<i>KaMavota</i> LOC.Mavota	<i>a-ku-na</i> Neg-17.MC-haver	<i>mi-ntirhu.</i> 4.emprego	
	'No bairro das Mahotas não há emprego.'			
32a.	<i>Ka Marungana</i> LOC.alfaiate	<i>ku-xavis-iw-a</i> 17.MC-vender-PASS-Pr		<i>nyama.</i> 9.carne
	'No alfaiate vende-se carne.'			
b.	<i>Ka mudondrisi</i> LOC.professor	<i>ku-tlhas-ile</i> 17.MC-chegar-Pas	<i>va-yeni.</i> 2.hóspedes	
	'No professor chegaram hóspedes.'			
c.	<i>Ka muyakelani</i> LOC.vizinho	<i>ku-tlhas-ile</i> 17.MC-chegar-Pas	<i>vha-nu.</i> 2.pessoas	
	'No vizinho chegaram pessoas.'			

De forma resumida, os exemplos acima apresentados mostram que apesar de os núcleos dos sujeitos serem locativos derivados das partículas *ka-* e *ka*, a marca de CV não se altera. De facto, tanto em (31a-c) onde os locativos núcleos são *KaMaputru* 'em Maputo', *KaMatrolo* 'em Matola' e *KaMavota* 'no bairro das

Mahotas', quanto em (32a-c), onde os núcleos locativos são *Ka Marungana* 'no alfaiate', *Ka mudondrisi* 'no professor' e *Ka muyakelani* 'no vizinho', a marca de CV é *ku-*. Aliás, é preciso destacar que esta marca é ainda seleccionada nos contextos em que os núcleos locativos são inerentes, conforme os exemplos que se seguem:

33a.	<i>Afrika</i> LOC.África	<i>ku-ni</i> 17.MC-haver.Pr	<i>mi-rhi</i> 4.remédio	<i>ya</i> 4.GEN	<i>xi-ntu.</i> 7.tradicional
	'Em África há remédio tradicional.'				
b.	<i>A-Mosambiki</i> PE-LOC.Moçambique	<i>a-ku-na</i> Neg-17.MC-haver.Pr	<i>mi-ntirhu.</i> 4.emprego		
	'Em Moçambique não há emprego.'				
c.	<i>A-mulotana</i> PE-LOC.Mulotane	<i>a-kuna</i> Neg-17.MC-haver.Pr	<i>ma-gezi</i> 6.energia		
	'Em Mulotane não há energia.'				
d.	<i>A-xinavana</i> PE-LOC.Chinavane	<i>ku-xavis-iw-a</i> 17.MC-vender-PASS-Pr	<i>ma-terenu.</i> 6.terrenos		
	'Em Chinavane vende-se terrenos.'				

Como mostram os exemplos (33), a marca de CV *ku-* também é seleccionada nos contextos em que os núcleos dos sujeitos complexos são locativos inerentes (semânticos), como sucede com *Afrika*

'África', em (33a), *Mosambiki* 'Moçambique', em (33b), *Mulotana* 'Mulotane', em (33c) e *Xinavana* 'Xinavane', em (33d).

Nesta subsecção discutiu-se a CV nas construções de IL cujos núcleos de sujeitos simples são rudimentos das classes locativas 16, 17 e 18, locativos resultantes

da agregação das partículas *-ini*, *ka-* e *ka*, e locativos inerentes. Este exame continua na próxima subsecção, abordando o sujeito complexo.

### Sujeito complexo

34a.	<i>Henhlá</i>	<i>ni</i>	<i>hansi</i>	<i>ku-trakam-ile.</i>
	16.em cima	e	16.em baixo	17.MC-estar molhado-Pas
	'Em cima e em baixo está molhado.'			
b.	<i>Ndreni</i>	<i>ni</i>	<i>handle</i>	<i>ku-nchim-ile.</i>
	18.dentro	e	16. fora	17.MC-estar sujo-Pas
	'Dentro e fora está sujo.'			
c.	<i>Hándlé</i>	<i>ni</i>	<i>ndreni</i>	<i>ku-nchim-ile.</i>
	16.fora	e	18.dentro	17.MC-estar sujo-Pas
	'Fora e dentro está sujo.'			
d.	<i>Ntrhaku</i>	<i>ni</i>	<i>phambeni</i>	<i>ku-psh-ile.</i>
	18.atrás	e	16.frente	17.MC-queimar-Pas
	'Atrás e a frente queimou.'			

Comparando o padrão de CV do sujeito simples com os dados acima apresentados constata-se que não há diferença, visto que a marca seleccionada continua sendo *ku-*. Este aspecto mostra que o factor estrutural do sujeito não influencia a selecção da marca de concordância, na medida em que, apesar de os sujeitos *henhla ni hansi* 'em cima e em baixo', em (34a), *ndreni ni handle* 'dentro e fora', em (34b), *ndreni ni handle* 'dentro e fora', em (34c) e *ntrhaku ni phambeni* 'atrás e a frente', em (34d),

serem complexos, a marca de CV é análoga a que é seleccionada no sujeito simples.

A marca de CV *ku-* não é apenas seleccionada quando os núcleos combinados na estrutura do sujeito complexo são "locativos" associados às tradicionais classes 16, 17 e 18. Os dados que a seguir se apresentam mostram que mesmo nos contextos em que os núcleos combinados são locativos resultantes da agregação de *-ini*, *ka(-)* ou ainda locativos inerentes:

35a.	<i>Xi-kolw-eni</i>	<i>ni</i>	<i>kerhek-eni</i>	<b><i>ku-tal-ile</i></b>	<i>hi</i>	<i>mati.</i>
	7.escola-LOC	e	5.igreja-LOC	17.MC-estar cheio.Pas	Prep.por	14.água
	'Na escola e na igreja esta cheio de água.'					
b.	<i>KaMatrolo</i>	<i>ni</i>	<i>KaMaputru</i>	<b><i>ku-psh-ile.</i></b>		
	LOC.Matola	e	LOC.Maputo	17.MC-queimar.Pas		
	'Na Matola e em Maputo queimou.'					
c.	<i>Ka marhungana</i>	<i>ni</i>	<i>Ka mudondrisi</i>	<b><i>ku-ni</i></b>	<i>ndlala.</i>	
	LOC.1.alfaiate	e	LOC.1.professor	17.MC-haver	9.fome	
	'No alfaiate e no professor há fome.'					
d.	<i>Boana</i>	<i>ni</i>	<i>Namahaxa</i>	<b><i>ku-pfun-iw-ile</i></b>	<i>svinéné.</i>	
	LOC.Boane	e	LOC.Namaacha	17.MC-haver boa produção.PASS.Pas	ADV.bastante	
	'Em Boane e em Namaacha produziu-se bastante.'					



Relacionando os exemplos analisados em (34) com os que acima se apresentam, constata-se que apesar de os núcleos dos sujeitos complexos serem locativos derivados das partículas locativas diferentes, sendo *-ini*, conforme *xikolweni ni kerhekeni* ‘na escola e na igreja’, em (35a); *ka(-)*, como sucede em *KaMatrolo ni KaMaputru* ‘na Matola e em Maputo’, em (35b) e, *Ka matrungana ni Ka mudondrisi* ‘no alfaiate e no professor’, exemplos (35c), a marca de CV não se altera. Aliás, mesmo quando os núcleos são locativos inerentes, como por exemplo, *Boana ni Namahaxa*

‘em Boane e em Namaacha’, em (35d), a marca continua sendo esta.

Para além dos contextos em que os locativos combinados no sujeito complexo são rudimentos associados às classes nominais 16, 17 e 18, locativos resultantes da agregação das partículas locativas *-ini* e *ka(-)*, bem como locativos inerentes, a marca de concordância *ku-* é igualmente seleccionada quando os núcleos locativos combinados derivam de processos formais diferentes, conforme mostram os exemplos que se seguem:

6a.	<i>Ka marhungana ni</i> LOC.alfaiate	<i>ni</i> e	<i>kerek-eni</i> 5.igreja-LOC	<i>ku-tal-ile</i> 17.MC-estar cheio.Pas	<i>hi</i> por	<i>vhanu</i> 2.pessoas	‘No alfaiate e na igreja está cheio de pessoas.’
b.	<i>KaTembe</i> LOC-Tembe	<i>ni</i> e	<i>ka m'wa-mbzana</i> LOC.1.senhor cão	<i>ku-pfun-iwa</i> 17.MC-produzir-PASS.Pr		<i>svinéne.</i>	‘No bazar e na empresa roubaram arroz.’
c.	<i>Motaze</i> LOC.Motaze	<i>ni</i> e	<i>Ma-pulangw-eni</i> 6.madeira-LOC	<i>ku-fuy-iwa</i> 17.MC-criar-PASS		<i>ti-homu.</i> 10.bois	‘Em Motaze e em Mapulanguene cria-se gado bovino.’
d.	<i>KaManyisa</i> LOC.Manhiça	<i>ni</i> e	<i>Pajane ku-ni</i> LOC.Pajane	<i>ti-homu</i> 17MC.haver	<i>ti-nyingi.</i> 10.bois	<i>ti-nyingi.</i> 10.MC-Adv.muito	‘Em Manhiça e em Pajane há muito gado.’

Nos exemplos (36) constata-se que, apesar de os núcleos de cada uma das construções serem locativos que emergem de partículas locativizadoras diferentes e inerentes, a marca de CV é invariavelmente a mesma. Efectivamente, tanto em (36a), onde os núcleos *ka marhungana ni kerekeni* ‘no alfaiate e na igreja’ resultam do uso das partículas *ka* e *-eni*, quanto em (36b), onde *kaTembe ni ka m'wa-mbzana* ‘em Catembe e no senhor cão’, onde temos núcleos derivados de *Ka-* e *ka*, a marca de concordância é *ku-*. Este fenómeno repete-se em (36c), onde os núcleos *Motaze ni Mapulangweni* ‘em Motaze e em Mapulanguene’ são inerentes e resultante do sufixo *-eni* e, em (36d), onde, mais uma vez, os núcleos *kaManyisa ni Pajane* ‘em Manhiça e em Pajane’, são resultantes de *ka-* e inerente, respectivamente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo discutiu-se, à luz da Linguística Descritiva Comparada, a CV na IL na língua ronga, com o objectivo de analisar os aspectos morfosintácticos da locativização morfológica e, especificamente, identificar as marcas de CV que são seleccionadas, nos contextos de sujeitos simples e complexo.

Para o alcance dos objectivos apresentados no parágrafo anterior e, sobretudo para encontrar as respostas das inquietações que guiaram a pesquisa, procedeu-se à descrição das CNs e a locativização morfológica na língua em estudo, comparando-a com outras LB. Os dados que suportam a pesquisa foram recolhidos através de um questionário estruturado, administrado a treze informantes nativos de *Xinondrwana*, a variante dialectal de

referência. É a estes cidadãos anónimos que-se endereça uma palavra de gratidão e apelo no sentido de contiurem a serem embaixadores da língua ronga e sobretudo, a falar esta língua, visto que só assim, se pode garantir a transmissão intergeracional, a chave para a eternização de saberes e experiências seculares associada aos *varongas*.

Sobre a locativização, os dados discutidos mostraram que, diferentemente do que sucede em muitas LB, na língua ronga existem 6 formatos possíveis de locativos, nomeadamente: locativos associados às classes locativas 16, 17 e 18, não produtivas; locativos derivados das partículas dependentes *-ini* e *ka-*; locativos resultantes das partículas independentes *ka* e *ku* e locativos inerentes. Note-se que, contrariamente de outras LB, como por exemplo, Cuwabo, Makhuwa, Zulu e Swati, em que os algumas marcadores locativos podem co-ocorrer, na língua ronga este fenómeno não se verifica. Para além deste aspecto, os dados também permitiram inferir que, exceptuando poucos contextos em que o falante pode optar por um destes marcadores locativos, geralmente estes estão em distribuição complementar.

No que concerne à CV, os dados analisados, sugerem que, na IL, os sujeitos gramaticais simples e complexos seleccionam a mesma marca de CV, neste caso *ku-* (cl.17), que se junta à forma verbal, no início. Embora o factor estrutural do sujeito seja um elemento marginal na selecção desta marca, os dados analisados mostraram que a mesma justifica-se pelo facto de o sujeito ser portador de um papel semântico de locativo.

## REFERÊNCIAS BIBLIGRÁFICAS

ALFÂNDEGA, P. A Locativização em Cisena. 2009. 120f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Eduardo Mondlane, 2009.

AMIDU, A. Why locative marking in

Kiswahili Bantu is not that simple. *The Linguistic Association of Korea Journal*. Utgivelseland, v.15, p.21-42, January, 2007.

BACHETTI, C. *Gramática da Língua Rhonga*. Maputo: Paulistas. 2006. 325 p.

BAXTER, B. Agreement Patterns in Shona Locative Inversion. *Linguistics: an Interdisciplinary Journal of the Language Sciences*. V.51, p. 1107-1146, November 2013.

BUELL, L. Semantic and formal locatives: Implications for the Bantu locative inversion typology. In KULA, N. C. & MARTEN, L. (ed.). *Bantu in Bloomsbury: Special Issue on Bantu Linguistics*. London: SOAS, 2007. p. 105-120.

CANONICI, N. *A Manual of Comparative Bantu Languages*. Durban: University of Natal, 1991. 121 p.

CHIVAMBO, A. Locativização em Citshwa. In NGUNGA, A. (ed.). *Elementos de Linguística Teórica e Descritiva das Línguas Bantu*. Coleção: As NOSSAS LÍNGUAS XIV. Maputo: CEA- UEM, 2015. p. 103-120.

DOKE, C. *Bantu, Modern Grammatical, Phonetic and Lexicographic Studies Since 1860*.

London: Routledge, 1967. 259 p.

GUÉROIS, R. Locative inversion in Cuwabo. *Papers in Linguistics. ZAS Papers in Linguistics* 57. Berlim, v. 57, p.49-71, January, 2014.

GUÉROIS, R. The Locative System in Cuwabo and Makhuwa (P30 Bantu languages). In QUINT, Nicolas; ROULON-DOKO, P. & PERIN, L. (ed). *African Languages and Linguistics 2*. Éditions Lambert-Lucas, 2016. p. 43-75.

Buell, Leston C., 2012. Class 17 as a non-locative noun class in Zulu. *Journal of African Languages and Linguistics* 33: 1-35.

BUELL, Leston C. 2007. Semantic and

- formal locatives: Implications for the Bantu locative inversion typology. *SOAS Working Papers in Linguistics* 15: 105-120.
- CREISSELS, Denis. 2011. Tswana locatives and their status in the inversion construction. *Africana Linguistica* 17: 33-52.
- BUELL, Leston C., 2012. Class 17 as a non-locative noun class in Zulu. *Journal of African Languages and Linguistics* 33: 1-35.
- LANGA, D. Algumas reflexões em volta das classes locativas em Changana. In Direccção Científica. (ed). *III Seminário de Investigação na UEM: Livro de Comunicações*. Maputo: Imprensa Universitária, 2002. p. 153-163.
- MARTEN, L. The Great siSwati Locative Shift. In BREITBARTH, A. et al. (ed). *Continuity and Change in Grammar*. Amsterdam: Benjamins, 2010. p. 249-267.
- MARTEN, L. Agreement in locative phrases in Luganda. In: BRENZINGER, M. & FEHN, A. M. (ed.). *Proceedings of the 6<sup>th</sup> World Congress of African Linguistics* (Cologne 2009). Cologne: Rüdiger Köppe, 2012. p. 433-443.
- MITI, L. *Comparative Bantu Phonology and Morphology: a study of the sound systems and word structure of the indigenous languages of southern Africa*. Pretória: CASAS, 2006. 427 p.
- MÖHLIG, W. J.G. & KAVARI, Jekura U. *Reference Grammar of Herero (Otjiherero)*. Köln: Rüdiger Köppe, 2008. 372 p
- MUTAKA, N. & TAMANJI, P. *An Introduction to African linguistics. Lincom handbooks in linguistics*. Munich: Lincom Europa, 2000. 317 p.
- NGOBOKA, J. Locatives in Kinyarwanda. 2016. 376f. PhD Thesis (PhD in the Linguistics Programme) – School of Arts, University of KwaZulu Natal, 2016.
- NGOBOKA, J. Locative markers in Kinyarwanda as determiners. *Nordic Journal of African Studies*. Uppsala, v.26, p. 292-317, December, 2017.
- NGUNGA, A. & SIMBINE, M. *Gramática Descritiva de Xichangana*. “Coleção: As Nossas Línguas V”. Maputo: CEA – UEM, 2012. 311 p.
- NGUNGA, A. & FAQUIR, O. *Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas: Relatório do III Seminário*. “Coleção: As Nossas Línguas III”. Maputo: CEA–UEM, 2012. 349 p.
- NGUNGA, A. *Introdução à Linguística Bantu*. 2<sup>a</sup> ed. Maputo: Imprensa Universitária, 2014. 239 p.
- PEREIRA, A. Reflexões teórico-metodológicas acerca da Linguística Comparativista. *Revista Linguagem*. São Carlos, v.29, p. 236-247, dez. 2018.
- PETZELL, M. *The Kagulu Language of Tanzania: Grammar, Texts and Vocabulary*. Cologne: Rüdiger Köppe, 2008. 234 p.
- SALZMANN, M. Towards a Typology of Locative Inversion – Bantu, Perhaps Chinese and English – But Beyond?. *Language and Linguistics Compass*. Hoboken, v.5, p.169-189, abril, 2011.
- SITOE, B. & NGUNGA, A. *Relatório do II Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas*. NELIMO: Faculdade de Letras e Ciências Sociais - UEM, 2000. 220 p.
- SITOE, B. *Verbs of Motion in Changana*. Leiden: Research School CNWS. Leiden University, 2001. 244 p.
- SITOE, B.; MAHUMANE, N. & LANGA, P. *Dicionário de Ronga-Português*. Maputo: CIPROMETRA, 2008. 397 p.
- ZELLER, J. Locatives in Bantu. 2017. p. 1-24. Disponível em: <http://www.jzeller.de/pdf/Loc.pdf>. Acesso em 25 maio 2019.

ZELLER, Jochen & NGOBOKA, Jean Paul. Agreement with locatives in Kinyarwanda: a comparative analysis.

*Journal of African Languages and Linguistics*. Leiden, v.39, p.65-106, abril, 2018.

---

<sup>i</sup> Lista de siglas: CN - classe nominal; CV - concordância verbal; CN - classe nominal; LB - línguas bantu; IL - inversão locativa; PE - partícula eufônica; PAS - passado; PASS - passiva; SG - sujeito gramatical;

<sup>ii</sup> Entende-se por classe nominal, segundo Bleek (1862), um conjunto de nomes que exibem o mesmo padrão de concordância (nominal ou verbal).

<sup>iii</sup> Ou mulher que abortou.